

EUGENIO COSERIU

– Depoimento *in memoriam* –

Amadeu Torres
Univ. Católica Portuguesa
e Universidade do Minho

1. Uma epígrafe deste gênero dará já a entender o que textualmente se pretende: não a configuração de intencional apreciação crítica ao labor polifacetado de um dos mais brilhantes e fecundos expoentes da lingüística e da filosofia da linguagem de que o século XX justamente se orgulha, mas antes uma evocação sentida do *Wissenschaftler* entroncado de corpo e de saber que desde finais dos anos 60, ao passar uma que outra vez pela Universidade de Tubinga onde acabou em 1963 por fixar-se, me habituei a admirar e, eventualmente, a consultar.

Apaixonado pela filologia clássica e pela ecdótica a cujos mestres das Universidades de Coimbra e de Lisboa muito fiquei devendo, e sem embargo da formação em que por outro lado me embrenhava nas literaturas românicas em prosa e verso ou no curso de filosóficas na Universidade Católica, durante as deambulações implicadas na preparação da tese doutoral e decorrentes contactos através da Europa, havia surpreendentemente descoberto diversas afinidades entre o Professor trotamundos e este seu humílimo admirador de anos atrás. De fato, deixada em 1940 a Romênia, onde se afirmara como poeta e contista, vivera a década seguinte em Itália trabalhando como tradutor e crítico literário e escrevendo duas teses, uma delas para a láurea em filosofia, outra em filologia românica. Além disso, regressado da América do Sul, era já abalizado poliglota com singular domínio das línguas eslavas, das greco-latinas, germânicas e românicas, entre as quais o espanhol e o português.

Lembra-me, como se fosse hoje, do encontro inicial com o Prof. Coseriu, motivado pela minha tradução, a pedido do Prof. Luís Reis Santos com cursos de História da Arte na Universidade de Coimbra, de algumas cartas latinas de Damião de Góis, o célebre humanista luso de Quinhentos, editadas em Lovaina em 1544. Deu-me a sua opinião e, ao tomar conhecimento de que eu andava em pesquisa de manuscritos epistolares goisianos pelas mais importantes bibliotecas européias, nomeadamente as da Alemanha onde já localizara cerca

de dúzia e meia, incitou-me a que, para além da edição crítica que intentava realizar, não pusesse de remissa uma aturada análise lingüístico-filológica dos textos, como realmente aconteceu no 2º tomo daquela. Volvido um ano aproximadamente, breve consulta ocasionada por originais que conseguira em cidades como Basileia, Wrocław, Gdansk, Trento e Sélestat, deu-me ensejo – a juventude, mesmo algo avançada, sempre primou pela audácia – de ofertar-lhe com seleta dedicatória o poema intitulado *Sonho de um Castelo*,¹ que em 1948 premiara, em concurso nacional, os meus vinte e poucos anos, ainda o Prof. Coseriu não havia trocado Roma pelo Uruguai. Parco em elogios, mostrou a propósito conhecer a nossa história nos seus primórdios, encorajando-me no entanto a prosseguir sem desvalorizar, sublinhou condescendente, os dois nomes que eu usava desde há décadas, o ortônimo e o pseudônimo, conselho que curei de manter operando diferenciadamente.

É claro que tratando-se de uma investigação dissertacional posicionada nas fronteiras das Letras clássicas, dos Descobrimentos, das filologias e das lingüísticas, outras ocasiões surdiram, ao tempo dessas andanças, de consultas perfunctórias com personalidades de renome, tais como Harri Meier, que deixou fama nas Universidades de Lisboa e Bona, Charles Boxer de quem acabei por ser bisonho confrade na Academia Portuguesa da História, Josef Ijsewijn, Mac Farlane e Pierre Grimal, humanistas respectivamente de Leuven, de Oxford e da Sorbona. Curioso que ao ofertar a este último os dois tomos da dissertação, editada² dias antes pelo Centro Cultural Português de Paris, a conversa prolongou-se num almoço que não esqueço. Mas releve-se-me a digressão.

2. Nasceu Eugenio Coseriu em 1921 na povoação romena de Mihăileni, agora integrada na república da Moldávia. Andava, portanto, nos 37 anos quando me matriculei em Coimbra e o Prof. José G. Herculano de Carvalho introduziu o estruturalismo saussuriano na sua cadeira de Lingüística I, assim então rotulada, o que apanhou desprevenidos os principiantes, alguns dos quais, como eu, se tinham adiantado na aquisição de apontamentos e sebatas de acordo com as matérias habitualmente ministradas. Custou aos caloiros a nova teorização, malgrado o atraso proverbial com que de fora chegava às aulas universitárias. No entanto, o docente, dedicadíssimo aos alunos e atento às dificuldades

¹ Cfr. Amadeu Torres (Castro Gil), *O Sonho de um Castelo*, Braga, Edições Humanitas, 1965.

² Cfr. Amadeu Torres, *Noese e crise na epistolografia latina goisiana: I – As Cartas latinas de Damião de Góis*, introdução, texto crítico e versão; II – *Damião de Góis na mundividência do Renascimento*, análise ideológica, estético-lingüística e apêndice diplomático, Paris, Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

emergentes, dignou-se logo distribuir, semana a semana, folhas registadoras e explicativas do essencial.

Por outro lado, Ferdinand de Saussure e o seu *Cours de linguistique générale*, das edições Payot, entraram sem demora no nosso dia a dia, assim como as primeiras publicações tematicamente relacionadas de Coseriu, por essa altura e desde 1951, na Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, Departamento de Lingüística, em Montevideo: *Sistema, norma y habla* (1952), *Forma y substancia en los sonidos del lenguaje* (1954), *Determinación y entorno – Dos problemas de una lingüística del hablar* (1955/1956), *Sincronía, diacronía e historia – El problema del cambio lingüístico* (1958). Estes estudos, adquiridos em livro ou fotocópia, captaram rapidamente a nossa simpatia: a proposta da tripartição esclarecedora da distinção bífida do mestre genebrino, considerada pouca satisfatória; a da conexão entre fonética e fonologia, ao arrepio das tendências coevas; a da valorização da lingüística da fala, num plano obviamente distinto das abordagens estilísticas de Karl Vossler e Leo Spitzer;³ enfim, a da indissociabilidade temporal, com respeito quer ao estado da língua, quer ao seu devir. Quanto a este particular, repita-se o que, mais tarde, escrevi algures: “Acentuando a sua discordância em face do reducionismo saussuriano, Coseriu, no texto citado e em páginas que lembram Heidegger realça a historicidade como constitutivo ôntico da língua, seja em sua estrutura, sistema e tipo, seja em sua norma e atuação idioléctica, destrinchando claramente o objeto, sempre histórico, que é ela mesma, das suas várias projeções nos planos da investigação, que ora prescinde da história, ora não”.⁴

Terminados os cursos atrás citados e de harmonia com o conteúdo do primeiro tomo das perquisições que cedo encetara, lecionadas por breve espaço as línguas clássicas a decisão privilegiou o futuro conteúdo do segundo, aliás sob o impulso da referenciada sugestão do Prof. Coseriu, que durante largos anos deu consistência teórico-pragmática às minhas aulas na Universidade Católica e na Universidade do Minho, sem embargo da atração que nunca escondi pela escola chomskyana. Foi contudo ao Professor de Tubinga a quem dediquei, de envolta com os Profs. J. Herculano de Carvalho e M. de Paiva Boléo, o vol. de *Gramática e linguística*. E tem outrossim origem coseriana o interesse que pela década de 80 comecei a votar a Fernão de Oliveira e à sua *Gramática da linguagem portuguesa*, interesse que se encontra

³ Cfr. Amadeu Torres, «Rodrigues Lapa e a *Estilística* da língua portuguesa», em *Ao reencontro de Clio e de Polímnia*, Braga, Universidade Católica, Centro de Estudos Humanísticos, 1998, pp. 403-404.

⁴ Cfr. Id., *Gramática e linguística*, Braga, *ibid.*, Centro de Estudos Linguísticos, 1998, pp. 177-178.

registrado⁵ em artigos e intervenções de congressos e não deixou de ser aplaudido pelos Profs. Lindley Cintra e Celso Cunha.

Regozijou-se o Mestre turingense aquando do IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, organizado pela Universidade de Vigo, ao tomar conhecimento de estar de entrada nos prelos o estabelecimento da primeira leitura crítica desta obra pioneira do nosso gramaticalismo, cuja edição acabou por honrar magistralmente com a inclusão do melhor excuro filológico-lingüístico que temos acerca dela, vindo a lume em 1975 sob o título de *Sprache und Funktionalität bei Fernão de Oliveira*, vertido por Maria Christina da Motta Maia em 1991 no Rio de Janeiro, à conta da Universidade Federal Fluminense e adaptado, através de retoques mínimos, ao português continental.⁶ Apesar de já bastante diminuído de forças, o Prof. Coseriu ainda logrou, felizmente, experienciar está reabilitação do compêndio gramatical oliveiriano em busca da genuinidade que cinco lançamentos anteriores, mesmo o do texto *princeps*, não alcançaram, havendo-se até quedado alguns deles a embaraçante distância. Além disso, penso que o seu erudito e profundo enfoque constituiu uma espécie de “jóia da coroa” que vai acordar-nos a memória em ordem à preparação das comemorações dos 500 anos do nascimento, a acorrer em 2007, daquele que, na autorizadíssima opinião coseriana, devendo considerar-se o nosso gramático cronologicamente primordial, “antecede o seu tempo na descrição lingüística em geral e apresenta-se como um dos gramáticos mais originais de toda a Renascença”.⁷

3. Faleceu o Prof. Coseriu em 7 de setembro de 2002 em Tubinga, aos 81 anos, dez após o passamento do bem conhecido compatriota Virgil Gheorghiu, em França, aos 76. Soube-o por informes da Associação Galega da Língua (Agal), veiculados por um dos seus dirigentes de topo, José Luís Fontenla. Dois anos antes, porém, colegas da Universidade de S. Petersburgo pré-emocionaram-me com a comunicação da infausta notícia, que afinal só 24 meses volvidos se confirmou. Bem diz o povo que as pessoas célebres morrem duas vezes.

Os latinos repetiam amiúde o velho prolóquio “ars longa, vita brevis”, cônscios do contraste entre os horizontes do sonho e os confinamentos reais que o tolhem. No caso vertente, contudo, talvez quadre melhor o trocadilho

⁵ Cfr. Amadeu Torres, *Gramática e linguística*, cit., pp. 43-81 e 281-292.

⁶ Cfr. Fernão de Oliveira, *Gramática da Língua Portuguesa*, edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção, com um estudo introdutório do Prof. Eugenio Coseriu, Lisboa, Academia das Ciências, 2000.

⁷ Cfr. Id., *ibid.*, “Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira” [pp. 29-60], p. 31.

quiástico em antítese àquela máxima – “vita longa, ars longior”. Com efeito, se o tempo lhe foi um tanto abonado, as obras e as ocupações magisteriais que lhe assinalaram a existência abarcam um impressionante campo de ação intelectual nos múltiplos domínios do idioma, tais o morfossintático, o semântico, o fonético-fonológico, o lexemático, o geográfico-lingüístico, o etimológico-onomástico, o filológico, o tipológico, as teorias da tradução, o sistêmico, o normativo e destacadamente o pragmático-histórico ou sociolingüístico.

Habituaados a lidar com essas obras mais de forma singularizada, ao sabor da circunstância ou pertinência, do que em visão de conjunto, dificilmente nos damos conta do seu número e âmbito. Só agora um manuseamento menos apressado do currículo⁸ brilhantíssimo do Prof. Coseriu nos facultou apropriado registro: cerca de 400 publicações compreendendo volumes não raro bem densos e encorpados, artigos, versões de textos seus para Universidades na Europa, nas Américas, na Ásia e especialmente no Japão e Coréia, edições ou reedições no prelo (19) e miscelâneas comemorativas.

Quanto a estas, os respeitosos *Festschriften* da praxe acadêmica, trazidos a lume em datas de jubilação ou etapas docentes dignas de evidenciar-se, ultrapassam as quatro dezenas, o que ajuda a situarmos o polímato romanista num círculo de correligionários ou admiradores,⁹ de colegas a discípulos, de entre os quais aponto alguns de alto gabarito: André Martinet e Roman Jakobson, cada um com o seu tomo em 1967, aquele festejado nos 60, este nos 70 anos; Walter von Wartburg, que em 1968 contava 80; Ernst Gamillscheg, da mesma idade; Mario Wandruszka, em 1971, com 60; Harri Meier, com 65, e a quem já acima aludi, homenageado de novo no 75º aniversário e por último em 1992, num *in memoriam* lançado pela Universidade de Bona; Rafael Lapesa, prenda-do com três tomos em 1975 e em cujo III Coseriu inseriu um estudo que deu brado a respeito do viscaíno Andrés de Poza (1530-1595), chamando a atenção para um humanista e germanista subvalorizado, procedimento aliás similar ao que exteriorizou para com Fernão de Oliveira, em 1975; Emilio Alarcos Llorach, fonólogo e estruturalista, recordado em 1978; Kurt Baldinger, que em 1979 entrara nos 60 e confirmava a sua atração pelos domínios lingüísticos da Península Ibérica; em 1984, Antonio Tovar, perito na cultura peninsular pré-romana; Henrich Lausberg, então nos 75 de idade e nada diminuído nos cuidados da lingüística românica nem da retórica.

⁸ Cfr. Johannes Kabatek und Adolfo Murguía, «Die Sachen sagen, wie sie sind», *Eugenio Coseriu im Gespräch*, Tübingen, hrsg. von G. Narr. 1997; Horst Geckeler, B. Schlieben-Lange, Jürgen Trabant, Harald Weydt (eds.), *Logos Semantikos – Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu (1921-1981)*, 5 vols., W. de Gruyter/Gredos, 1981; e < www.coseriu.de >.

⁹ Cfr. os 5 vols. *in honorem* Eugenio Coseriu mencionados na nt. 8.

Dos portugueses, encontro o meu saudoso mestre de Coimbra, José Gonçalo Herculano de Carvalho, cujos 65 anos suscitaram um *Festschrift* em 1993, lançado em Tubinga e no qual Coseriu comparticipa com “O volapuk do Extremo Oriente”. A propósito, recorde-se caber a Herculano de Carvalho o pioneirismo na tradução, por 1960, em Portugal, de escritos coserianos, em concreto de *Sistema, norma y habla*, saído na capital do Uruguai em 1952. Em português absolutamente falando, andou o Brasil na dianteira, por intermédio de E. Pereira Filho, com “Logicismo e antilogicismo em gramática”, publicado na *Revista Brasileira de Filologia* (II, 2) em 1956, isto é, no mesmo ano do original espanhol que ilustrava a *Revista Nacional de Montevideo* (nº 189). Hoje há inúmeras traduções dos textos coserianos em diversíssimas línguas. Seja-me todavia concedida a possibilidade de nomear aqui Evanildo Bechara, gramático e filólogo de seletto estofado e ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, o qual em 1980, no Rio de Janeiro, verteu as *Lezioni di linguistica generale* (Turim, ¹1973 e ²1976), e em 1993, a partir do castelhano, o estudo “Do sentido do ensino da língua literária” (cfr. *Confluência*, 5, pp. 29-47); assim como Mário Vilela laureado discípulo de Tubinga que, na Universidade do Porto, em 1976, fez o mesmo quanto a “Die funktionelle Betrachtung des Wortschatzes” (cfr. *Jahrbuch 1975 des Institut für Deutsche Sprache*, Mannheim, e M. Vilela, *Problemas de lexicologia e lexicografia*, Porto).

Os *Festschriften* não terminaram, porém, em 1993, com J. Herculano de Carvalho. Um ano após, o preito escolhe Walter Belardi; em 1995, Horst Geckeler, um dos próceres da Escola, em 2000 Wolf Dietrich, ambos nos 60 anos. Entretanto, o Prof. Coseriu que foi alvo de iteradas coletâneas festivas,¹⁰ não reservava tão só para ocasiões como estas os seus gestos de consideração, dispersos de igual modo por revistas, congressos, colóquios. Personalidades como Amado Alonso (1953 e 1996), Pagliaro e Hervás y Panduro (1994), Humboldt e Gabelentz (1995), Saussure (1996), Michel Bréal (2000) são algumas delas. Quanto ao lingüista de Genebra, por exemplo, foi-lhe consagrado o IV Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa na Galiza, qual se esclarece nas *Actas*, onde figura “Mi Saussure”, texto coseriano refundido de *Saussure and linguistics today* (em edição de T. de Mauro e Sh. Sugeta, Roma, 1995). Este congresso, de que mais atrás se fez já menção, continuou, como ressalta à vista, a pesquisa histórico-estrutural, valorização e caráter de um idioma outrora comum a toda a Galécia, nos tempos em que as águas do Rio Minho uniam as regiões que hoje *politicamente* separam. Sublinho o advérbio porque, no contexto em questão e oposto a *lingüísticamente*, exprime uma de duas posições antagônicas principais em vigor. O Prof. Coseriu marcava habitual-

¹⁰ Cfr., a respeito de uma delas, a nt. 8.

mente presença e sempre militou no grupo reunido à volta do primeiro advérbio, acompanhado de vultos notórios de além e aquém-Minho, entre eles Rodrigues Lapa e Herculano de Carvalho, enquanto do lado contrário terçam armas Ramón Lorenzo e Ivo Castro. Por mim e após inúmeras abordagens, julgo que a discussão prosseguirá, cultural e cortesmente frutuosa para bem do bravo Nordeste peninsular.

4. As abonadas quatro centenas de trabalhos coserianos, já referidas de passagem, exigem talvez uma atempada aclaração e destrinça, não se vá concluir em semelhança com certas resenhas curriculares que numa floresta de alíneas exibem pequenos estudos a tentarem, a um rápido exame, passar por obras de peso e doutrina. Embora com um príncipe da lingüística e da filologia tal juízo esteja aprioristicamente posto de parte, secundado pela categoria das revistas científicas em que colaborou, orçam a largas dezenas, e sem embargo das resultantes da junção de textos já vindos à luz, as obras em provido volume, das quais por brevidade me contentarei de simples amostragem, valendo-me preferencialmente das que tenho mais à mão: *Teoría del lenguaje y lingüística general* (3ª ed., 330 pp.); *Estudios de lingüística románica* (314 pp.); *El hombre y su lenguaje* (270 pp.); *Gramática, semántica, universales* (2ª ed., 270 pp.); *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje* (374 pp.); *Principios de semántica estructural* (2ª ed., 248 pp.); *Competencia lingüística – Elementos de la teoría del hablar* (340 pp.); *Introducción a la lingüística* (178 pp.); *Lecciones de lingüística general* (354 pp.); *Leistung und Grenzen der transformationellen Grammatik* (1975); *Textlinguistik. Eine Einführung* (1980, 1981, 1994).

Deveras elucidativos são os contributos para a filosofia da linguagem com base nas preleções da cátedra: *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart. Eine Übersicht*: I – *Von der Antike bis Leibniz* (1969); II – *Von Leibniz bis Rousseau* (1972); *Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt*, I/II (1993); III (1994).

Entretanto, mais do que prendermo-nos a uma seca enumeração de livros do extraordinário Mestre que se exprimia à vontade numa multidão de idiomas e reinou como autêntico polílogo no estudo e analítica de muitas, de cuja história e estruturas possuía um domínio invejável alicerçado em sólida formação filosófica, que o capacitaram para atitudes de crítica, por um lado, ao estruturalismo, tão perdulário na captação das diferenças entre as línguas quanto negligenciador dos seus traços comuns ou universais e da sintaxe, e por outro ao pronunciado matematicismo recursivo de Chomsky ou Montague, crítica esta conduzida em prol do desenvolvimento de uma lingüística e gramática funcionais, mais do que tal enumeração revestir-se-á porventura de sumo pro-

veito em ordem a um conspecto panorâmico complementar da atuação e áreas intervencionadas do Prof. Coseriu o magnífico *Festschrift*¹¹ que lhe parabenizou o sexagésimo aniversário.

O qualificativo que escolhi nada tem de excesso. Trata-se, na verdade, de cinco avantajados tomos rondando as 450 pp. ou até excedendo-as, o que perfaz um conjunto de 2376. De encadernação apurpurada em que contrastam gravações a ouro, constitui uma excepcional prenda de anos da Editorial Gredos, de Madrid, em coedição com a berlinense Walter de Gruyter, facultando-nos a trajetória intelectual de seis décadas magisteriais através da palavra e da escrita: I – *Historia de la filosofía del lenguaje y de la lingüística*; II – *Teoría y filosofía del lenguaje*; III – *Semántica*; IV – *Gramática*; V – *Historia y arquitectura de las lenguas*.

Eis um monumento raríssimo e eloquente, que reputo comparável ao de cinco estátuas levantadas ao Mestre eminente de Tubinga por outros tantos escultores de escolas e estilos diversificados. Sem menos apreço por muitas homenagens de que foi alvo, acho ter sido esta a maior no gênero. Há, porém, outras de relevância igualmente superior: as resultantes de quarenta doutoramentos *honoris causa* e bem assim da outorga das mais gradas condecorações oficiais. A última, chegada a Tubinga em 27 de julho de 2001, no dia dos seus oitenta anos, creio ter sido a *Grã-Cruz de Afonso X o Sábio*, que a Espanha lhe entregou através do Embaixador Diego Maria Sánchez Bustamante.

Curvo-me respeitosamente perante a memória do Prof. Eugenio Coseriu, gratíssimo pelas atenções que fiquei devendo e pelo cúmulo de ensinamentos com que nos iluminou e continuará a iluminar os caminhos das lingüísticas. Em poucos casos se poderá repetir, com maior propriedade, a conhecida perícopa de célebres peças oratórias entretecidas de admiração, luto e saudade: “Defunctus adhuc loquitur”. Sem dúvida! O Prof. Eugenio Coseriu continuará magisterialmente entre nós!

Braga, 27 de outubro de 2003

¹¹ Cfr., *supra*, nt. 8.